

## Vai começar a luta contra as queimadas

Um programa ambicioso de fiscalização e combate aos desmatamentos e queimadas na Amazônia Legal vai ser deflagrado esta semana nas áreas mais críticas da região para tentar evitar a repetição do quadro registrado no ano passado, quando as queimadas destruíram uma área de 121 mil quilômetros quadrados. Não há um levantamento oficial, mas as informações encaminhadas pelos estados ao Ibama — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente — indicam que se derrubou menos floresta este ano. O programa terá como alvo principal os desmatamentos ilegais. Ao longo da BR-364, que liga Cuiabá a Rio Branco, no Acre, por exemplo, algumas áreas nessa situação já foram detectadas. A Alcoobrás já foi multada em NCz\$ 270 mil por ter desmatado irregularmente 1.600 hectares na região.

Para iniciar a operação, o Ibama já conta com NCz\$ 16 milhões — metade desses recursos vem do Banco Mundial — que serão aplicados na compra de quatro helicópteros, carros e equipamentos contra incêndio. Parte do dinheiro será repassada aos estados que atuarão com equipes formadas por técnicos do Ibama, Secretarias de Meio Ambiente e soldados da Polícia Militar.

O presidente do Ibama, Fernando César Mesquita, admite que será impossível evitar que ocorram queimadas em áreas que já estão sendo preparadas para pasto ou agricultura. “A fiscalização mais rigorosa atingirá os desmatamentos que não foram autorizados”, disse. A utilização do fogo pelos pequenos proprietários na região amazônica, segundo Mesquita, continuará acontecendo “enquanto eles não tiverem acesso a uma agricultura mecanizada”. Para o presidente do Ibama, o mais importante agora é deter a destruição da floresta.

O Plano Emergencial de Fiscalização e Controle de Desmatamentos e Queimadas foi montado em clima de tensão nos Estados do Acre e Pará, onde funcionários do Ibama andam armados e enfrentam até ameaças de morte. Em Marabá, na semana passada, 20 homens do instituto começaram a multar as madeireiras e as siderúrgicas que utilizam toras retiradas de desmatamentos não autorizados.

No Acre o trabalho está sendo coordenado por Benincá Salles, superintendente do órgão em Rio Branco. Em maio ele sofreu um atentado quando saía de um restaurante acompanhado do técnico do Ibama, José Rente. Já recuperado dos ferimentos — eles foram brutalmente espancados — Salles contou que na madrugada de sexta-feira um tiro de fuzil foi disparado na janela do prédio do instituto. Ele também confirma que os desmatamentos no Acre, este ano, foram bem menores, com a pressão das entidades ambientalistas e a exigência da aprovação do Rima — Relatório de Impacto Ambiental para áreas acima de mil hectares.

### Perigo em setembro

Mesmo assim, o Ibama constatou derrubadas ilegais de florestas, como na área onde a Alcoobrás está implantando um projeto. No Acre e em Rondônia, as queimadas ainda não começaram. Alguns focos isolados podem ser avistados, mas, em geral, todos esperam que a madeira e o capim sequem um pouco mais. Nos anos anteriores o final de agosto foi o ápice da temporada de queimadas na região. Este ano, como as chuvas se prolongaram de forma atípica, espera-se que o auge das queimadas seja em setembro.

Em Rondônia, a polícia Militar agirá com o apoio de 80 homens, carros e um helicóptero — que atenderá também o Acre. Mesquita disse que o instituto tentou conseguir quatro helicópteros do Ministério da Aeronáutica, mas não havia disponibilidade. Também não há aparelhos para venda no mercado. Durante três meses os helicópteros, que serão alugados da Líder Táxi Aéreo, ficarão à disposição do programa para ajudar na fiscalização e controle dos focos de incêndio.

A bordo de um Lear Jet da Líder, Fernando César Mesquita e técnicos do Ibama percorreram quase sete mil quilômetros das áreas tradicionalmente mais críticas de queimadas, semana passada, e chegaram à conclusão de que a região ainda não está queimando. Esta constatação do Ibama, porém, não coincide com os dados diários que o Inpe — Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais — está registrando. “Acredito que será necessária uma reavaliação dos dados”, afirma Mesquita, que esta semana vai discutir o assunto com o Inpe.

Ele acredita que os ajustes que o instituto está fazendo para analisar os dados fornecidos pelo satélite ainda precisam ser melhor definidos. “O satélite capta até pequenas queimadas e pode estar ocorrendo a repetição de focos nos mapas”, supõe Mesquita. Além disso, as coordenadas fornecidas pelo Inpe — latitude e longitude — para a localização dos focos quase nunca conferem quando verificadas no local.